

## A atuação da URSS no conflito entre Etiópia e Somália e os impactos na Guerra Fria

*João Vitor Miranda de Souza da Silva  
Lorenzo Andreoli da Silva<sup>1</sup>*

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo analisar a mudança de regime ocorrida na Etiópia em 1974 e o conflito deste país com a sua nação vizinha, a Somália, pela região de Ogaden a partir de 1977. Também se abordará as consequências da ascensão do regime revolucionário em Adis Abeba para a União Soviética, no que diz respeito aos seus interesses estratégicos na região e na sua posição na Guerra Fria. Portanto, buscar-se-á entender os motivos que levaram a mudança de alianças entre os países da região do Chifre da África e as duas grandes superpotências da Guerra Fria, assim como as consequências destas mudanças para a Guerra de Ogaden e a própria Guerra Fria.

**PALAVRAS-CHAVE:** Etiópia. Guerra Fria, Somália, União Soviética.

---

<sup>1</sup> Graduandos do sétimo semestre do curso de Relações Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

## 1 Introdução

Em 1974, o então imperador etíope Haile Selassie, foi derrubado do poder por um grupo de militares revolucionários. A mudança de regime na Etiópia trouxe novas dinâmicas às alianças existentes entre os países da região – mais especificamente Etiópia e Somália – com as duas superpotências da Guerra Fria. Além disso, a mudança de regime em Adis Abeba também acarretou em uma guerra entre Etiópia e Somália, os dois principais países da região do Chifre Africano, pela posse da região de Ogaden, que fica em território etíope. Tal guerra contou com a participação direta da União Soviética e de Cuba, ajudando a derrotar as forças do regime somali que, em um período recente antes da guerra, era o principal aliado soviético na região. Tendo o conflito encerrado em 1978, é importante salientar que, no ano seguinte, o período da Guerra Fria conhecido como Détente chegava ao fim.

O presente estudo tem como objetivo buscar compreender os motivos que levaram a mudança de alianças entre as superpotências e os países envolvidos no conflito. Tentar-se-á identificar as causas que levaram a União Soviética a mudar de aliança na região, rompendo relações com a Somália e auxiliando a Etiópia no conflito territorial de seu antigo aliado. Por fim, o trabalho também buscará analisar como os resultados da Guerra de Ogaden impactaram na relação entre Estados Unidos e União Soviética na Guerra Fria, procurando estabelecer relação entre este conflito territorial no continente africano e a retomada do embate entre as duas superpotências.

Buscando responder os questionamentos levantados acima, o artigo será dividido em uma contextualização da Revolução Etíope que ocorreu em 1974, passando para a seção do conflito de Ogaden em si, onde será exposta a participação soviética no conflito, assim como os interesses da potência na região ao longo dos anos, com o intuito de procurar entender as mudanças de alianças ocorridas na década de 1970. A última seção do artigo está reservada para a análise dos impactos deste conflito no quadro geral da Guerra Fria.

## 2 A Revolução na Etiópia

A Etiópia foi durante grande parte da sua história composta por um império. A segunda metade do século XX, porém, trouxe grandes alterações para o país: especificamente no ano de 1974, marcado pela revolução que causou uma significativa ruptura institucional e lançou novas bases para o futuro do país. Antes de entrar em detalhes a respeito da revolução, vale destacar a conjuntura etíope da época, fator chave para explicar o desencadeamento da revolta que pôs fim ao império milenar.

O poder político da Etiópia estava concentrado nas mãos do imperador, que desde 1941 estava na figura de Haile Selassie. O imperador possuía apoio ocidental, principalmente militar, por parte dos Estados Unidos. Como afirma Pankhurst (2007), os estadunidenses forneceram, no quarto de século em que apoiaram a Etiópia, uma assistência militar de US\$ 308 milhões. Vale destacar que, nessa época, o apoio era também uma resposta ao auxílio soviético à rival Somália, que estava expandido rapidamente os seus armamentos graças a esta ajuda (PANKHURST, 2007).

A Etiópia pré-revolução era extremamente agrária e feudal. O país, nos anos 1970, sofreu fortemente com a falta de chuva e a miséria. O descontentamento popular era enorme: a seca foi responsável pela enorme inflação – provocada pela falta de alimentos – o que afetou muito a qualidade de vida da população etíope. Apesar da fome ser um problema recorrente na história da Etiópia, foi a ausência de mecanismos do governo para lidar com esse problema que causou a revolta do povo contra o governante. Além disso, Selassie somente admitiu publicamente o problema da escassez de alimentos em 1973, sendo que a comunidade internacional já tinha conhecimento deste fato há bastante tempo, o que agravou ainda mais a situação do imperador (MARCUS, 1994).

A insatisfação quanto ao governo do imperador também chegou ao exército, que clamava por melhores salários e condições de trabalho, os quais Selassie recusava-se a atender alegando falta de recursos. A maior autonomia que os militares possuíam em relação aos civis fez o exército pressionar ainda mais o imperador através de diferentes ações. Dessa maneira, as Forças Armadas acabaram

comandando o processo revolucionário, e assim, o Comitê Coordenador da Forças Armadas – conhecido como Derg – depôs o imperador Haile Selassie, em 12 de outubro de 1974.

Mesmo após a consolidação do ato revolucionário, a Etiópia não se encontrava livre de seus problemas políticos internos. O Derg possuía opositores civis dentro do país, entre os quais destacavam-se o Partido Revolucionário do Povo Etíope (ERP) e o Movimento Socialista de Todos os Etíopes (Meison). De acordo com Carvalho (2013), houve intensa perseguição dos militares em relação aos civis, num movimento que ficou conhecido como “Terror Vermelho”, caracterizado pela violência empregada pelos integrantes do Derg, que assim derrotaram seus opositores e consolidaram-se no poder (CARVALHO, 2013).

O próprio Derg também possuía divisões internas. Dentro da organização militar, a figura de Mengistu Haile Mariam acabou ganhando importância nos anos que sucederam o golpe militar. De acordo com Schneider:

Entre 1974 e 1977, Mengistu Haile Mariam, um oficial de médio escalão, se firmou como a autoridade dentro da organização, principalmente através da prática de assassinatos e execuções daqueles que tinham visões divergentes. Esse processo de “expurgo” teve seu ápice em fevereiro de 1977, quando Mengistu e seus apoiadores fuzilaram outros membros do comando do Derg. A partir daí, o comando se unificou sob a autoridade altamente concentrada de Mengistu. Ainda que resolvido em 1977, este processo consumia energia e recursos do regime. (SCHNEIDER, 2010, p.90).

Após a completa eliminação da oposição, o Derg foi capaz de consolidar a revolução socialista no país e Mengistu pôde enfim consolidar-se como o líder da Etiópia. A confirmação do triunfo da revolução e a consolidação de Mengistu no poder tornou possível a aproximação entre a Etiópia e a União Soviética. O chefe de Estado etíope realizou uma visita a Moscou em maio de 1977 que foi muito importante para concretizar a aliança entre os dois. Além disso, essa proximidade foi fundamental para a Etiópia superar o isolamento que a administração de Jimmy Carter, presidente dos Estados Unidos, impôs ao país, como resultado das violações aos direitos humanos cometidas pelo Derg (PANKHURST, 2007).

### 3 O Conflito de Ogaden e a Participação Soviética

Para poder compreender a mudança de alianças ocorridas em 1977, durante a Guerra de Ogaden, é necessário analisar o período que antecede o conflito e a própria Revolução Etíope de 1974. O primeiro ponto a ser colocado é que o Chifre Africano foi uma região de pouco interesse para Moscou até o final da década de 1960 (AYOOB, 1978; PATMAN, 2009), sendo as potências ocidentais os principais atores extra regionais no nordeste africano. Destaca-se, neste período, a aliança entre o governo norte-americano e a monarquia de Haile Selassie que durou do pós-guerra até 1974, na qual havia o auxílio militar por parte dos Estados Unidos e a cessão de bases militares por parte dos etíopes.

Uma série de fatores acabou aproximando a política externa soviética para esta região. O primeiro ponto a ser destacado é a importância geoestratégica do Chifre Africano. Devido a sua posição geográfica, a região permite a projeção de força para o Oriente Médio, região de extremo interesse das duas superpotências; no Oceano Índico, é local de importância comercial e estratégica, pois possibilita uma maior presença da marinha em todo sudeste asiático e extremo oriente. Na década de 1960, assegurar a presença neste oceano e no Oriente Médio era de extrema importância, devido a possibilidade soviética de auxiliar os seus aliados – Iêmen do Sul e Egito no Oriente Médio e o Vietnã do Norte, que se encontrava em guerra contra os norte-americanos, no sudeste asiático – e contrapor a presença dos Estados Unidos na região, já que as Forças Armadas norte-americanas acabavam de se instalar na base de Diego Garcia no meio do Oceano Índico.

Além dos fatores estratégicos, questões políticas também influenciaram a mudança de política externa soviética para a região. Na mudança da década de 1960 para a de 1970, as relações sino-soviéticas se encontravam extremamente desgastadas. Além disso, Pequim empreendia uma política de aproximação com os Estados Unidos, no que ficou conhecido como a diplomacia triangular de Kissinger, juntamente com uma maior atuação junto aos países do terceiro mundo, disputando com Moscou a influência na periferia do Sistema Internacional (PATMAN, 2009). No Chifre Africano a disputa não seria diferente. Outra questão política que deve ser citada é o período de Déntente da Guerra Fria. A União Soviética entendia que o reconhecimento da paridade estratégica por Washington e a estabilização

do conflito no Norte não a impossibilitava de buscar uma política mais ativa no terceiro mundo (JACKSON, 2016). Tal entendimento sobre a Détente, contudo, não era compartilhado pelos EUA, o que acarretou em uma série de consequências para o desdobramento da própria Guerra Fria, com será visto mais adiante. Por fim, o fator que inseriu concretamente a União Soviética foi a troca de regime na Somália em 1969, possibilitando a formulação de uma aliança econômica e estratégica para contrabalançar a presença norte-americana na região.

Antes da ascensão do regime de cunho marxista-leninista em Adis Abeba, o principal aliado soviético na região do Chifre da África era a Somália. Em 1969, o país sofreu um golpe militar que levou ao poder um governo que, apesar de se intitular socialista, procurava empreender uma política nacionalista e independente, o que não implicava necessariamente em implementar as reformas socialistas necessárias – vide a manutenção da propriedade privada no setor agrícola (PATMAN, 2009). No plano externo, a busca por maior independência aproximou o governo somali dos soviéticos como uma forma de contrabalançar a presença ocidental na região. A aliança soviética-somali, portanto, materializava-se na forma de auxílio econômico e militar por parte dos soviéticos – estima-se que no início da década de 1970 havia de 4 a 6 mil consultores de Moscou na Somália –, enquanto que o governo somali cedia a base naval de Berbera para a marinha soviética (PATMAN, 2009). A relação entre os dois países se torna mais estreita em 1974 com a assinatura do Tratado de Amizade e Cooperação. Contudo, a situação de alianças estratégicas começou a alterar no mesmo ano da assinatura do contrato devido a mudança de regime na Etiópia.

Segundo Westad (2007), a aliança entre o novo regime do Derg e Moscou não se deu de forma imediata. O governo soviético via com ceticismo o novo regime etíope e, durante os dois anos seguintes à revolução, as relações entre os dois países estiveram baseadas na tentativa de conseguir uma aliança militar e econômica semelhante com a existente entre Somália e União Soviética. A URSS, por sua vez, não tinha o interesse de desenvolver uma relação tão próxima com Adis Abeba neste primeiro momento, pois, além do ceticismo, Moscou não gostaria de aprofundar a sua parceria com a Etiópia devido ao temor de perder a já consolidada aliança com o regime somali. Patman (2009) e Ayoob (1978) trabalham com a ideia de

que Moscou tentou criar uma “Pax Soviética” baseada na aliança com Mogadíscio ao mesmo tempo que se aproximava do regime do Derg, que se encontrava mais dependente do auxílio soviético e, portanto, mais suscetível aos termos propostos por Moscou, criando o que se chamou de uma federação marxista-leninista na região, o que foi prontamente rejeitado pelos somalis (PANKHURST, 2007).

Contudo, os planos soviéticos de tornar o nordeste africano sua área de influência exclusiva não se concretizaram. Com a aproximação dos soviéticos junto aos etíopes, mesmo que esta tenha sido de baixa intensidade no primeiro momento, o regime somali acabou buscando novos parceiros. Em 1976, dessa forma, o país acabou se tornando um membro da Liga Árabe e se aproximando da Arábia Saudita, principal aliada norte-americana no Oriente Médio, recebendo da mesma significativa auxílio financeiro (AYOOB, 1978). Concomitante ao distanciamento somali da União Soviética, existe a aproximação entre os governos de Adis Abeba e Moscou. Tal estreitamento das relações se deu, em primeiro lugar, pela mudança de visão sobre o regime de Derg por parte dos soviéticos (WESTAD, 2007) e pela percepção do distanciamento dos somalis e das suas novas parcerias com aliados do bloco ocidental (PATMAN, 2009). Em 1977, o quadro de alianças do Chifre da África vai se alterar completamente com a deflagração da Guerra de Ogaden iniciada pela Somália.

No mês de julho do mesmo ano, o exército da Somália decidiu atacar a Etiópia ocupando a região de Ogaden, dando início ao conflito entre os países. A Somália decidiu atacar nesse momento, pois acreditava que a Etiópia não teria forças para uma reação, tendo em vista que a situação interna do país ainda não se encontrava estável. A ofensiva foi exitosa, tendo o exército somali conquistado cerca de 90% do território reivindicado (SCHNEIDER, 2010).

Assim que tomaram conhecimento da ação unilateral por parte dos somalis, os soviéticos bloquearam o auxílio militar ao país, passando a fornecer esse apoio exclusivamente aos etíopes. O rompimento entre a União Soviética e a Somália ocorreu de maneira oficial em 13 de novembro de 1977. Nesse momento, o país africano rompeu o acordo de amizade estabelecido três anos antes com os soviéticos e cedeu suas bases militares estratégicas localizadas no Golfo de Áden para os

Estados Unidos, que passou a ser aliado somali durante o conflito, em uma clara oposição ao apoio soviético à Etiópia (PANKHURST, 2007).

De acordo com Visentini (2016), foi nesse momento que Moscou decidiu enviar armas, assessores soviéticos e alemães orientais, além de cerca de dez mil soldados cubanos à Etiópia. O apoio desses países socialistas à Etiópia foi fundamental para balancear o conflito favoravelmente a Adis Adeba, que também contava com o apoio de Israel. Apesar de contar com o auxílio de países como Arábia Saudita e Irã, a frente somali encontrava-se enfraquecida perante a união socialista que defendia os etíopes (CARVALHO, 2013).

A Somália não foi capaz de sustentar a guerra por muito tempo, retirando-se do conflito em março de 1978. Assim, cubanos e soviéticos obtiveram mais uma vez o êxito em um conflito ocorrido na África, dois anos após saírem vitoriosos em Angola. Com a vitória etíope consolidada, o Chifre Africano passou a ter uma nova configuração de alianças no contexto da Guerra Fria: a Etiópia estreitou seus laços com os países socialistas, enquanto que a Somália agora era aliada dos Estados Unidos (VISENTINI, 2016).

#### **4 O fim do Conflito e as Consequências para a Guerra Fria**

Da mesma forma que foram analisados os impactos da Guerra de Ogaden na reorganização das alianças entre os países da região do Chifre da África e as superpotências, é necessário compreender a relação deste conflito em um quadro mais amplo de Guerra Fria, uma vez que tal conflito se encerra um ano antes de iniciar o período identificado por Halliday (1986) como a Segunda Guerra Fria. Para tanto, precisa-se analisar o real envolvimento dos Estados Unidos na Guerra de Ogaden, assim como compreender eventos que excedem o nível regional, como foi analisado até agora.

Durante todo o conflito de Ogaden, o presidente norte-americano, Jimmy Carter, procurou manter o país distante desta disputa. Apesar de ter recebido dos somalis a base naval antes pertencente aos soviéticos, a política externa de Carter para o período estava voltada para o não envolvimento direto de Washington, o que significava a não utilização de força por parte das Forças Armadas norte-americanas. Tal decisão do presidente, além de ser um resultado da política externa

e de segurança empreendida por Carter em seus primeiros anos de mandato, refletia também os constrangimentos – econômicos e militares – ainda resultantes da Guerra do Vietnã (JACKSON, 2016).

A decisão de não intervenção e escolha pelo diálogo, contudo, não era unanimidade na Casa Branca. Brzezinski, conselheiro de segurança nacional de Carter, discordava da posição tomada pelo presidente, uma vez que considerava que a intervenção soviética no conflito traria consequências importantes para o balanço da própria Guerra Fria (BRZEZINSKI, 1983). A discussão envolvendo a Guerra de Ogaden em Washington girava em torno das consequências da participação de Cuba e de Moscou no conflito, sendo a opinião predominante estar ligada a percepção de que a interferência dos países socialistas representava um fato isolado.

É importante salientar que tanto a interpretação de Carter sobre o conflito – a interferência soviética em Ogaden como fato isolado – quanto a de Brzezinski – a guerra de Ogaden traria consequências para a balança de poder da Guerra Fria – estavam corretas. Ao analisar o conflito de Ogaden de forma isolada, chega-se à conclusão de que tal conflito não influenciou no fim da Détente e no início da Segunda Guerra Fria. Contudo, ao inserirmos este conflito em uma lógica mais ampla, na qual o conflito na Etiópia representa apenas uma das diversas intervenções realizadas por Moscou no Terceiro Mundo durante o período da Détente, pode-se estabelecer uma relação entre o evento de Ogaden e o final da Guerra Fria.

Halliday (1983), ao tentar elencar as causas que levaram à Segunda Guerra Fria, identifica, justamente, o apoio às revoluções no Terceiro Mundo como um dos motivos que levaram ao recrudescimento do conflito. Já pelo lado norte-americano, o autor identifica a recuperação do poder, econômico e militar, dos Estados Unidos e a sua busca por retomar a liderança no Sistema Internacional, acabando com o equilíbrio estratégico alcançado na década de 1970. Além disso, é importante salientar que os diversos eventos considerados como fracassos da política externa da administração Carter (crise dos reféns no Irã em 1979, Guerra de Ogaden, invasão soviética no Afeganistão, etc.) resultaram em uma reação conservadora à sua política de governo, traduzida na não ratificação do SALT II pelo congresso norte-americano, assim como na própria eleição de Reagan no período subsequente (JACKSON, 2016). Dessa forma, as opiniões de Jackson

(2016) e de Thompson (2003) convergem no sentido de que a responsabilidade pelo fim da Détente deve ser compartilhada pelas duas superpotências, ao invés de responsabilizar o conflito de Ogaden de forma isolada, como o fez Brzezinski (1983).

## **5 Considerações Finais**

A Revolução ocorrida na Etiópia em 1974 não teve relevância apenas no âmbito nacional. A ascensão do Derg em Adis Abeba acarretou em mudanças tanto no sistema regional, quanto no internacional. Devido ao advento de um regime marxista na região do Chifre da África – local de extrema importância geoestratégica para as superpotências da Guerra Fria – a União Soviética, que já estava presente na região através de uma aliança com o governo da Somália, teve que manejar diplomaticamente tal situação para que não perdesse um aliado estratégico já consolidado, a Somália, ao mesmo tempo em que precisava lidar com as reivindicações do regime marxista-leninista etíope.

Pode-se concluir, dessa forma, que – em um primeiro momento – o apoio ao governo etíope se deu de forma mais contida devido ao fato de que os seus interesses estratégicos já estavam assegurados junto ao regime somali. Contudo, a aproximação deste regime ao bloco ocidental e a subsequente invasão do território de Ogaden na Etiópia, levaram ao fim das relações entre Moscou e Mogadíscio e, conseqüentemente, à aliança entre soviéticos e etíopes, que levou a participação direta destes no conflito contra o exército somali, garantindo a vitória e a sobrevivência do regime de Adis Abeba. Por tanto, se em um primeiro momento o estabelecimento de uma aliança no Chifre da África, por parte dos soviéticos, procurou satisfazer os objetivos estratégicos da superpotência junto à um regime que compartilhava certa afinidade política e ideológica, a mudança de aliados na década de 1970 ocorreu de forma exógena à URSS, sendo um resultado das interações regionais ali existentes.

Em relação ao papel da Guerra de Ogaden no fim da Détente, é importante salientar que este conflito territorial, como fato isolado, não pode ser considerado causa do início da Segunda Guerra Fria. Contudo, ao inseri-lo em uma lógica mais ampla do conflito Leste-Oeste, o conflito de Ogaden pode ser considerado como

um dos elementos que levaram ao fim do período de distensionamento entre os dois blocos.

## **The USSR involvement in the Ethiopian and Somali conflict and its impacts in the Cold War**

**ABSTRACT:** This article aims to analyze the shift of regime that occurred in Ethiopia in 1974 and the conflict involving this country with its neighbor, Somalia, for the region of Ogaden in 1977. It will also address the consequences of the rise of the revolutionary regime in Adis Abeba for the Soviet Union, regarding its strategic interests in the region and in the Cold War. Therefore, the study will try to understand the reasons that led to the change of alliances between the countries of the region of the African Horn and the two superpowers of the Cold War, as well as the consequences of these changes for the war of Ogaden and the Cold War itself.

**KEY-WORDS:** Cold War. Ethiopia. Somalia. Soviet Union.

## **Referências**

AYOOB, Mohammed. *The Horn of Africa: Regional Conflict and Super Power Involvement*. The Strategic and Defence Studies Center, Canberra, 1978.

BRZEZINSKI, Zbigniew. *Power and principle: Memoirs of the National Security Adviser, 1977-1981*. New York, Farrar, Straus, & Giroux, 1983.

CARDOSO, Nilton César Fernandes. Segurança Regional no Chifre da África: conflitos, agendas e ameaças. *Revista Brasileira de Estudos Africanos*, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 137-172, jul/dez. 2016. Semestral. Disponível em: <<http://www.seer.ufigs.br/index.php/rbea/article/view/68849/40023>>. Acesso em: 20 out. 2017.

CARVALHO, Joseane Rocha. *Etiópia: papel regional e desafios para o desenvolvimento*. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Relações Internacionais) – Departamento de Economia e Relações Internacionais. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

HALLIDAY, Fred. *The Making of the Second Cold War*. British Library, Londres, 1986.

HALLIDAY, Fred. *The New Cold War*. Bulletin of Peace Proposals, Amsterdam, Vol. 14, n. 2, p. 125-129, Abril, 1983. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/096701068301400203?journalCode=sdi>>. Acesso em: 03 jan. 2018.

JACKSON, DONNA R. *The Ogaden War and the demise of Détente*. The Annals of the American Academy of Political and Social Science, Vol. 632, 2016. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/27895946>>. Acesso em: 19 dez. 2017.

MARCUS, Harold G. *A History of Ethiopia*. Berkeley: University of California Press, c1994. Disponível em: <<http://ark.cdlib.org/ark:/13030/ft109nb00g/>>. Acesso em: 06 jan. 2018.

PANKHURST, Richard. The Russians in Ethiopia: Aspirations of Progress. In: MATUSEVICH, Maxim (org.). *Africa in Russia, Russia in Africa: three centuries of encounters*. Asmara, Africa World Press, 2007.

PATMAN, Robert G. *The Soviet Union in the Horn of Africa: the diplomacy of disengagement*. Cambridge University Press, Cambridge, 2009.

SCHNEIDER, Luiza Galiazzi. *O papel da guerra na construção dos Estados modernos: o caso da Etiópia*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Instituto de Filosofia e Ciência Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

THOMPSON, William. *The Soviet Union under Brezhnev*. Pearson Longman, Londres, 2003.

VISENTINI, Paulo Gilberto Fagundes. *Revoluções e Relações Internacionais: o Caso Africano*. Revista Brasileira de Estudos Africanos. v.1, n.1, Jan./Jun. 2016. p. 111-129.

VISENTINI, Paulo Fagundes. *As Revoluções Africanas: Angola, Moçambique e Etiópia*. São Paulo, Editora Unesp, 2012.

VIVÓ, Raul Valdés. *Ethiopia's Revolution*. Estados Unidos, Library of Congress, 1978.

WEISS, Kenneth G. *The soviet involvement in the Ogaden War*. Alexandria, Center for Naval Analyses, 1980.

WESTAD, Odd Arne. *The Global Cold War: Third World Interventions and the Making of Our Times*. Cambridge University Press, Cambridge, 2007.